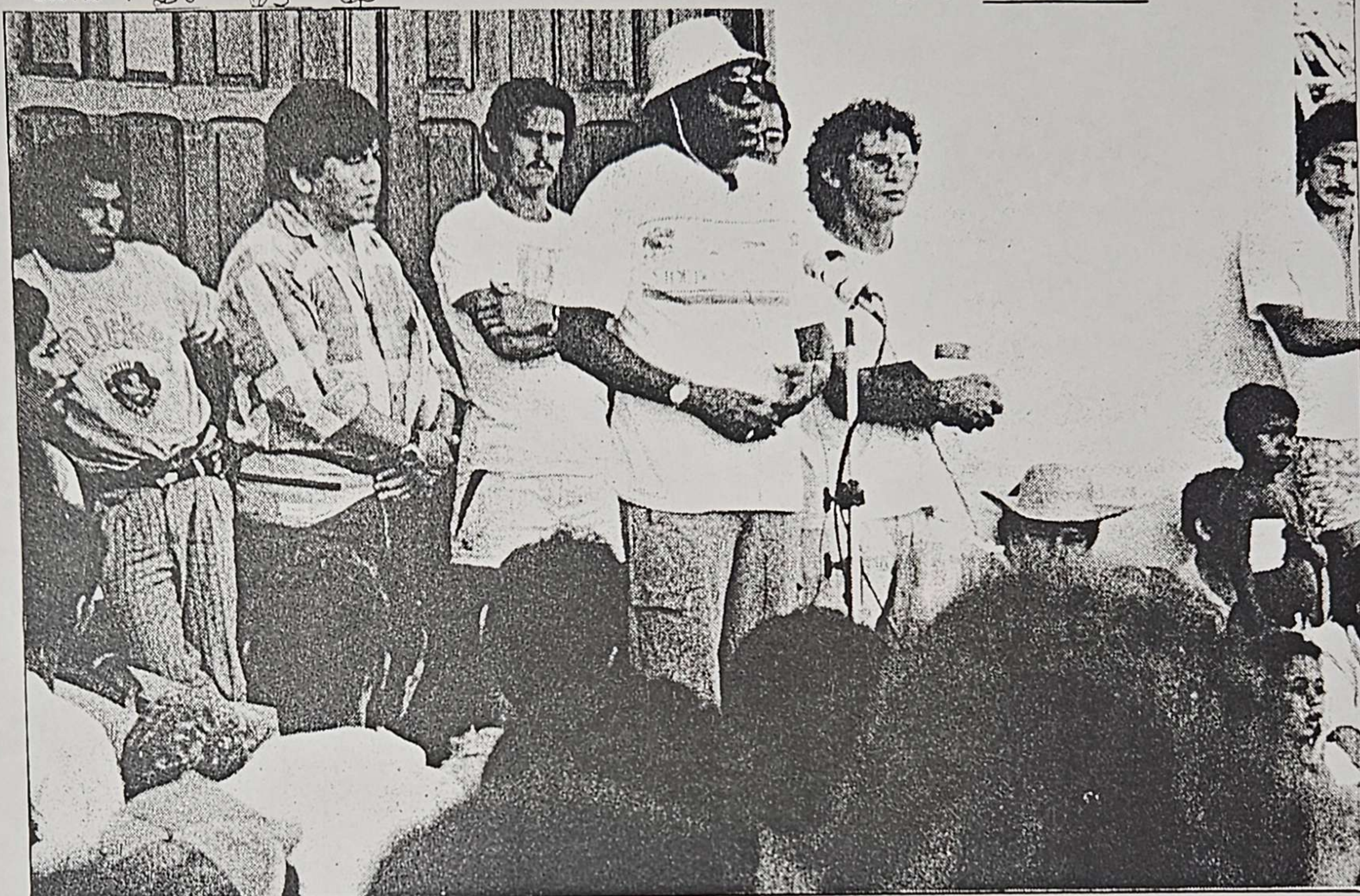


Milton queria fazer um disco usando versões em línguas indígenas brasileiras para a música "Planeta Blues".

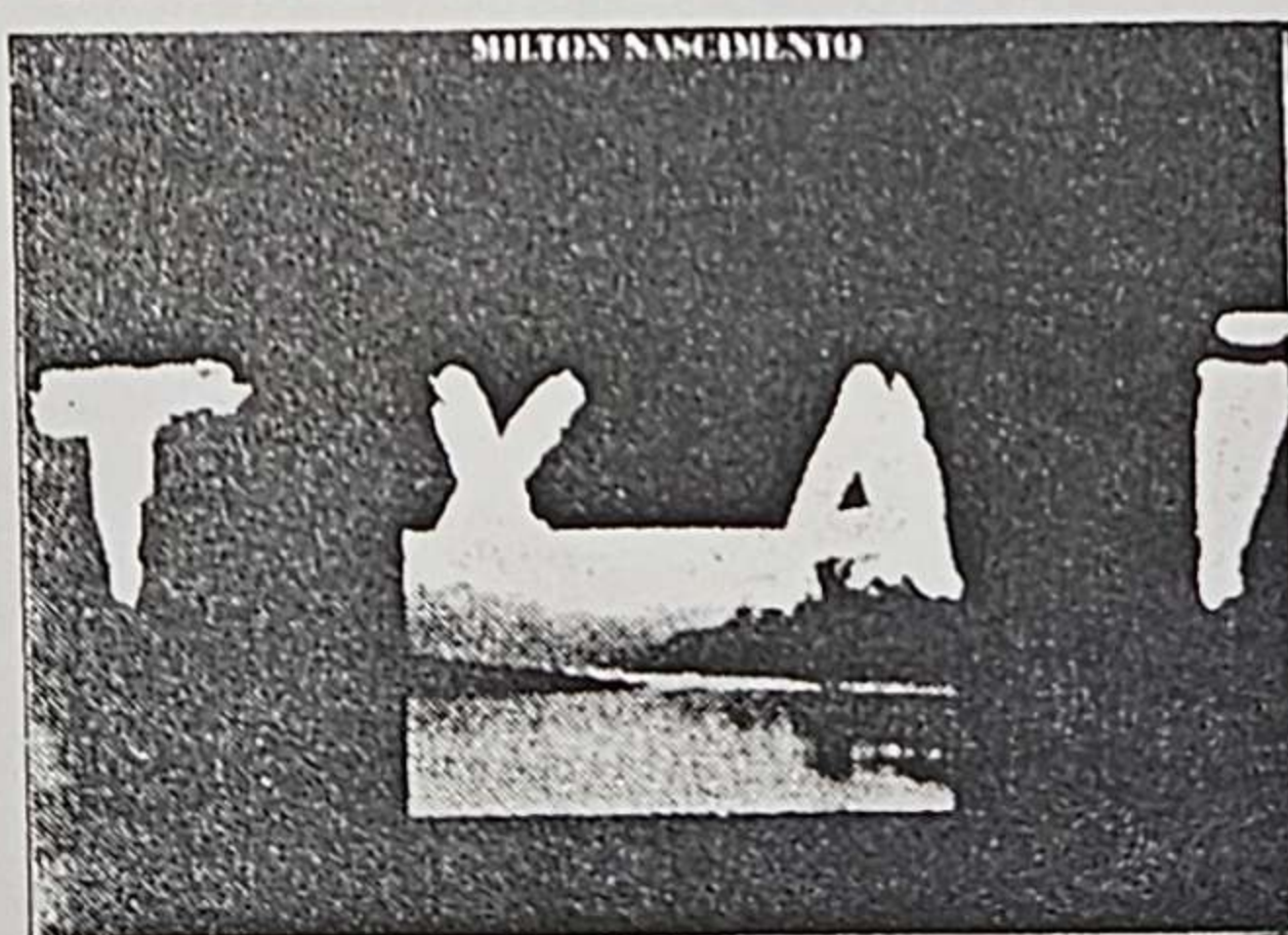
Depois que esteve com os índios, mudou de idéia — e está aí *Txaí* "mais que irmão, mais que amigo".



Milton descobriu o Brasil, o mundo, ele mesmo. E conta tudo em *Txaí*.

Milton Nascimento havia decidido que cinco cantos, de cinco nações indígenas seriam vinhetas de seu novo disco — e não apenas vinhetas, mas fio condutor de um trabalho conceitual. Ouviu muitas horas de cantos gravados precariamente e fez suas escolhas. Entre elas, contava-se um som de flautas e vozes femininas que — ele jura — de forma alguma poderia ficar de fora. Mas ficou. Pois quando Milton foi à Amazônia gravar o canto com aparelhagem mais sofisticada, recebeu a notícia de que aquele povo, aquela cultura, o produtor daqueles sons, aquela língua — já não mais existia. Morreram todos.

Se essa história não explica e justifica *Txaí*, nada mais o fará. Milton vem se aproximando dos sons tribais há muito tempo, mas aos poucos, sutilmente. Durante as gravações de *Yauaretê*, seu álbum de 88, resolveu que faria um disco — um dia — usando versões em línguas indígenas brasileiras para a música "Planeta Blues", onde se ouve: "Eu sou atlântica dor/plantada no lado sul". O disco falava de rios, "a veia da terra, o fluxo da irrigação, a vida da Terra", e num contato com o pessoal da Aliança dos Povos da Floresta pediu material que o pusesse mais em contato com a música dos índios. O que ouviu foi tão comovente que esqueceu-se da história inicial de transportar o "Planeta Blues" para o verde da mata: "Enquanto isso, a organização preparava a minha viagem para lá, o que aconteceu em outubro do ano passado", conta. A Aliança — que tem até embaixada em São Paulo e congrega índios, seringueiros e ribeirinhos, e da



qual Milton faz parte — preparou a viagem de 18 dias: "Eu fui conhecendo pessoas, idéias, vendo as coisas bonitas dos rios, e ao mesmo tempo percebendo as queimadas, as devastações".

Milton conheceu a palavra *txaí*, originalmente do povo kaximawá, que é usada para tratar o cunhado — ou o avô materno — mas que foi incorporada pela população amazônica, principalmente do Acre, com o sentido básico de **companheiro**: "Ouvi de um seringueiro que *txaí* é a metade de mim que existe em você, e a metade de você que existe em mim. Ou seja, *txaí* é mais que irmão, mais que amigo". A chegada à mata foi um deslumbre: "Lá eu imaginei como Guimarães Rosa deve ter-se sentido ao investir nos sertões de Minas Gerais. Aquela gente tem inteligência, beleza, a poesia, não tem medo de falar nos sentimentos, não teme exprimi-los — e mesmo sua dor vem carregada de enorme emoção poética". Ele conta que as crianças conversam com a natureza — com a lua, as estrelas — e as pessoas se dão por inteiro: "Dão-se, elas e suas coisas,

que até fariam falta mas que não podem ser recusadas, porque elas entregam a você o coração".

Na volta da viagem, Milton começou a compor. Depois chamou os parceiros — Caetano Veloso, Ronaldo Bastos, Fernando Brant e Márcio Borges — e distribuiu as músicas, a missão de escrever as poesias: "A gente conversou muito, eu dizia o que sentia, mostrava os vídeos que foram feitos, as anotações de viagem". E houve outra viagem, desta vez para gravar — com mesa de 16 canais, geradores, técnicos, antropólogos que chegavam aos locais de batelão, canoa, helicóptero, teco-teco, ou por trilhas, carregando tudo nas costas, como numa versão tecnológica de Fitzcarraldo e fez os registros.

A carreira internacional não está abandonada. Milton viaja para os Estados Unidos, Canadá e Porto Rico a partir do dia 7 de junho e, na volta, monta seu espetáculo *Txaí*. Até lá, estará pronto o vídeo que registra os momentos da viagem e um livro, texto de Milton, ilustrações de Rubens Matuque, sobre o assunto. Milton resolveu escrever ainda mais: "Ouvi o eco da minha voz, na floresta. Não é só aquela repetição, como no eco que conhecemos. É diferente, o som segue o caminho do rio. Antes eu tinha medo que as pessoas não acreditassem no que tenho para contar. Não tenho mais este medo, não. Quando você encosta num barranco, aquela procissão de canoas — aí você descobre o Brasil, descobre você mesmo, descobre tudo. Está na hora de dizer isto para os outros".